



ISSN: 2595-5713

Vol. 01 | N°. 01 | Ano 2018

Josivaldo Pires de Oliveira

CIÊNCIA E MISSIONAÇÃO NO SUL DE ANGOLA: O Boletim da Agência Geral das Colônias e as etnografias dos padres da congregação do espírito santo

Science and mission in the south of Angola: the Bulletin of the General Agency of the Colonies and the ethnographs of the parents of the congregation of the holy spirit

RESUMO: A Agência Geral das Colônias ou Ultramar constituiu um importante órgão de propaganda colonialista de Portugal. Através de seu instrumento de publicação, o *Boletim*, pode-se ter acesso a um conjunto grande e variado de assuntos sobre a vida colonial. Desta forma, se constitui em importante acervo histórico, inclusive para a investigação da experiência missionária na África portuguesa. Neste artigo, ao tempo que apresento o Boletim Geral das Colônias como potencial acervo de fonte para o estudo da experiência colonial, discuto a relevante produção da atividade científica realizada pelos padres da Congregação do Espírito Santo, em missão religiosa no Sul de Angola, no período colonial. Para tal empreitada, tomo como fonte o trabalho do padre spiritano Carlos Estermann, publicado em diferentes edições do *Boletim* da Agência.

PALAVRAS-CHAVE: Agência do Ultramar; África colonial; Experiência missionária; Angola

ABSTRACT: The General Agency of the Colonies or Overseas constituted an important organ of colonialist propaganda of Portugal. Through its publication instrument, the Bulletin, one can have access to a large and varied set of subjects on colonial life. In this way, it constitutes an important historical collection, including for the investigation of the missionary experience in Portuguese Africa. In this article, while I present the General Bulletin of the Colonies as a potential source collection for the study of the colonial experience, I discuss the relevant production of the scientific activity carried out by the priests of the Congregation of the Holy Spirit in a religious mission in southern Angola during the period colonial. For this work, I take as a source the work of the Spiritan priest Carlos Estermann, published in different editions of the Bulletin of the Agency.

KEYWORDS: Overseas Agency; Colonial Africa; Missionary experience; Angola

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Marcos Carvalho Lopes
marcosclopes@unilab.edu.br

CIÊNCIA E MISSIONAÇÃO NO SUL DE ANGOLA: O Boletim da Agência Geral das Colônias e as etnografias dos padres da congregação do espírito santo

Josivaldo Pires de Oliveira ¹

As vastas regiões do Sul de Angola, como são de ocupação recente, tardiamente foram também exploradas cientificamente.

Padre Carlos Estermann (1896 – 1876)

Criada em Angola na segunda metade do século XIX, as missões católicas mantidas pela Congregação do Espírito Santo, ganhou maiores proporções a partir dos acordos estabelecidos após a Conferência de Berlim (1884/5) e de forma efetiva após as guerras de pacificação e penetração dos agentes da administração colonial em alguns territórios angolanos, a exemplo das Províncias do Sul. A partir de então o trabalho missionário produziu importantes experiências, tendo muitas destas sido registradas e divulgadas pela propaganda colonial portuguesa, especialmente através do seu principal veículo: O Boletim da Agência Geral das Colônias ou Ultramar. Desta forma, me ocupo neste artigo, evidenciar a relevância do *Boletim*, editado em Lisboa, a partir de 1925, e disponível em forma digital no Portal Memórias da África e do Oriente, mantido pela Universidade de Aveiro, como importante acervo de fonte para a pesquisa histórica sobre a experiência das missões religiosas no ultramar português, ao tempo que discuto as preocupações do padre Carlos Estermann sobre a importância da produção científica dos padres da Missão do Espírito Santo e dos estudos sobre os grupos étnicos do sul de Angola.

O Boletim, fonte para a História Missionária

Criada em 30 de setembro de 1924, a Agência Geral das Colônias constituiu um departamento da propaganda colonial, no ultramar português. Seu primeiro diretor foi Armando Zuzarte Cortesão, o qual se encarregou de criar o Boletim da Agência, com seu primeiro número publicado em julho de 1925. Em sua trajetória, a Agência Geral das Colônias contou com um total de seis diretores em seu meio século de existência, pois José Fernandes Nunes Barreto assumiria a última gestão encerrando as atividades no ano 1974. O Boletim, editado entre 1925 e 1970, foi seu principal veículo de circulação de informações sobre a propaganda colonial do

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB/Campus V. Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Membro do Grupo de Pesquisa: Religiões e trajetórias das experiências missionárias em África: arquivos, acervos e pesquisas (UNIFESP/CNPq). jospoliveira@uneb.br

ultramar português, como pode ser lido em uma de suas primeiras edições: “órgão oficial da acção colonial portuguesa, propõe-se fazer a propaganda do nosso património colonial, contribuindo por todos os meios para o seu engrandecimento, defesa, estudo das suas riquezas e demonstração das aptidões e capacidade colonizadora dos portugueses” (BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS, 1925, p. 230).

Ao longo de sua existência, o Boletim sofreu várias alterações em seu nome. Criado em 1924 como “Boletim da Agência Geral das Colónias”, passando em 1935 a ser denominado “Boletim Geral das Colónias” e em 1951, passou a ser denominado “Boletim Geral do Ultramar”. Exemplares de suas edições podem ser encontrados em diferentes acervos de arquivos e bibliotecas de Portugal, entretanto, de suma importância é o acervo disponível em versão digital no Portal das Memórias de África e do Oriente, um projeto de ousada envergadura mantido pela [Fundação Portugal-África](#) em parceria com a [Universidade de Aveiro](#) desde 1997. Segundo seu site oficial, o Portal das Memórias de África e do Oriente é um instrumento fundamental e pioneiro na tentativa de potenciar a memória histórica dos laços que unem Portugal e a Lusofonia, sendo deste modo uma ponte com o nosso passado comum na construção de uma identidade coletiva aos povos de todos esses países.

Entre os variados temas abordados nos Boletins, não faltaram alguma informação sobre a experiência das missões religiosas nas colônias portuguesas. Segundo José Luis Lima Garcia, entre 1932 e 1945, período de implantação do Estado Novo português, o Boletim publicou 54 artigos, de 37 autores sobre Angola, entre os quais cinco tratavam sobre as missões religiosas (GARCIA, 2011, p. 333). Entre estes artigos, dois são assinados pelo Padre Carlos Estermann, no período, chefe da Missão mantida pela Congregação do Espírito Santo, na província da Huila.²

De origem francesa, a Congregação do Espírito Santo, fundou comunidades missionárias em Angola, em 1866. Tal empreendimento evangelizador ganhou fôlego após a Conferência de Berlim (1884-1885), na qual algumas definições de regras no tocante à religião beneficiaram os missionários, em especial os espiritanos. Nesta Conferência foi decidida que fosse possibilitado aos missionários de qualquer confissão religiosa, a entrada nas Colônias Africanas. A partir de então Missões de diferentes tendências religiosas se instalaram em Angola e as já existentes se fortaleceram, mas as Missões do Espírito Santo predominaram no Sul de Angola, as quais

² A Província da Huila era formada por diferentes grupos étnicos, os quais eram classificados por três grupos etnolinguístico, a saber: Herero, Ambós e Nhaneca-Humbe (descendentes dos Imbangalas), sendo este último a grande maioria no Planalto, ficando distribuído mais a Sudoeste de Angola, região de pouca penetração europeia até meados do século XX, ficando essas populações estrangeiras principalmente na vila de Quilengue e outras que atuavam com plantação de tabaco. As comunidades rurais africanas eram de ocupação exclusiva dos Nhaneca-Humbe. SILVA, Elisete Marques da. *Impactos da ocupação colonial nas sociedades rurais do Sul de Angola*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2013, p. 5.

contaram com o trabalho da propaganda colonial do Ultramar na divulgaço de suas açõs (DULLEY, 2010).

Mesmo considerando que o tema sobre as missõs na África portuguesa, não estivesse entre os mais recorrentes nas diferentes ediçoõs do Boletim, importantes sacerdotes assinaram textos sobre a missionaço no ultramar portuguê, incluindo Angola, a mais importante Colõnia de Portugal no território africano. Vale destacar que neste período estava em vigor o Estatuto Orgânico das Missõs Católicas, o qual beneficiou aos missionários, inclusive espiritanos, os possibilitando nos anos subsequentes uma intensa atividade religiosa e, conseqüentemente, o aumento considerável de pessoal missionário (DEMARTINI; CUNHA, 2015, p.59), sugerindo assim, melhores condições para o trabalho dos padres que desenvolviam atividade científica no âmbito das missõs.

No Boletim Geral das Colônias ou Ultramar, obviamente não deixou de tratar sobre a missionaço em Angola, a poderosa província do Ultramar. Encontram-se, por exemplo, estudos e reflexõs assinados por autoridades como Manuel Alves da Cunha (1872-1947) e Joaquim Alves Correia (1886-1951), dois importantes personagens da experiência missionária na África portuguesa.³ Investigando um pouco mais nas diferentes ediçoõs do Boletim, poderá ser identificado um conjunto importante de artigos e memórias sobre a experiência missionária nas Colônias do Ultramar, garantindo ao *Boletim* se constituir em importante acervo de fontes para a investigaço sobre as missõs religiosas na África como toda, mas principalmente em Angola, para a qual grande parte dos textos era dedicada.

Carlos Estermann, ciência e missionaço.

Ao investigar o acervo do Boletim, identifiquei dois importantes ensaios de Carlos Estermann, os quais constituem evidências importantes sobre a relevância deste periódico para o estudo da etnografia missionária entre os padres espiritanos, os quais são ainda hoje considerados os mais importantes entre os padres católicos que atuaram em Angola no período colonial, se

³ **Manuel Alves da Cunha**, religioso e colonialista, nasceu em Chaves, a 8 de Julho de 1872, e morreu em Luanda, a 4 de Julho de 1947. Licenciado em Teologia, pela Universidade de Coimbra, embarcou em 1901 para Angola como secretário do bispo titular desta colônia, D. António Gomes Cardoso. Com empenho e capacidade para resolver problemas delicados entre a Igreja e o Estado, teve um papel decisivo na diocese de Luanda, depois da retirada do bispo D. João de Lima Vidal em 1914, altura em que vigorava já a Lei da Separação instituída pelo regime laico de Lisboa. **Joaquim Alves Correia**, sacerdote e missionário da Congregação do Espírito Santo, nasceu em Aguiar de Sousa, Porto, no dia 5 de Maio de 1886, e faleceu em Pittsburgh, Estados Unidos da América, a 1 de Junho de 1951. Com 24 anos partira para o sertão africano, algures na região da Nigéria, onde permaneceu entre 1910 e 1919. Regressado a Portugal, foi nomeado em 1922 procurador em Lisboa dos Padres do Espírito Santo, e reitor do Seminário de Teologia de Viana do Castelo. Dirigiu a revista *Missões de Angola e Congo* durante 12 anos, entre 1920 e

destacando no que concerne os estudos sobre a realidade dos povos do Sul, como atesta Carlos Serrano:

Os padres católicos, principalmente aqueles da Congregação do Espírito Santo, deixam-nos, sobretudo no sudeste(sudoeste) de Angola, o trabalho pioneiro e profundo do Padre Carlos Estermann sobre a etnografia da região. Já no norte de Angola os padres Manoel Vaz e Joaquim Martins nos dão várias etnografias dos povos do Enclave de Cabinda. Temos ainda a constatar algumas gramáticas e dicionários feitos na região Kicongo, Kibundo e Ovibundo, realizados por outros padres da Congregação do Espírito Santo (SERRANO, 1991/92, p. 33).

Duas questões importantes na citação de Carlos Serrano merecem destaque: a relevância dos padres espiritanos e o reconhecimento da produção dos missionários como texto etnográfico, ao que Serrano classificou em outra passagem deste mesmo artigo, como “etnografia missionária” (SERRANO, 1991/92, p. 32). E neste ínterim, o padre Carlos Estermann é evidenciado como o mais notável etnógrafo colonial do Sul de Angola, o que pode ser observado pelo reconhecimento de sua obra etnográfica publicada pela Junta de Investigação do Ultramar entre 1956 e 1961.⁴ Esta, por sua vez, incorporou o conteúdo dos ensaios que analiso a seguir.

Em “Notas etnográficas sobre os povos indígenas do distrito da Huíla”, de 1935 e “Contribuição dos missionários do Espírito Santo para a exploração científica do sul de Angola”, de 1941, Carlos Estermann possibilita desenvolver importantes ponderações acerca das etnografias missionárias e sua relevância para a história dos povos bantos e bushmanes do sul de Angola. “Discurso antropológico de um padre espiritano e sua importância para a elaboração de uma etno-história para Angola, apesar dos muitos estereótipos e julgamentos de valor do ponto de vista religioso” (SERRANO, 1992/92, p. 33).

Estas publicações tiveram origem em conferências que o padre realizava na região que atuava. O texto sobre a exploração científica dos missionários espiritanos, por exemplo, por exemplo, foi lido em uma conferência realizada na Câmara Municipal de Sá da Bandeira, na qual ele abordava sobre a importância dos estudos científicos realizados pelos missionários da Congregação do Espírito Santo e enfatizava que dentre os temas mais importantes estavam aqueles de natureza etnográfica, por entender a importância em os missionários compreenderem a história e as culturas dos grupos étnicos a serem evangelizados. Esterman não só recomendava

1932, tendo paralelamente exercido a crítica literária no jornal *Novidades*, a partir de 1925 (GARCIA, 2011, p. 716; 149).

⁴ A produção etnográfica dos padres missionários suscita cuidados do ponto de vista teórico e metodológico de análise, especialmente para quem os toma como fonte para investigação da história e culturas africanas. Tal produção foi definida por Valentin Mudimbe como “discurso missionário” responsável pela elaboração de uma “ordem de conhecimento” sobre África, orientado por uma epistemologia ocidental. Os limites deste artigo, não permitem que eu apresente a perspectiva adotada para a análise que venho desenvolvendo deste material, em especial a produção do padre Carlos Estermann sobre o sul de Angola. Fica então a indicação da leitura de Mudimbe sobre a noção de “arqueologia da gnose africana” para ler os discursos produzidos em outra ordem de conhecimento que não aquela emanada dos próprios africanos. Ver: MUDIMBE (2013).

esta perspectiva, ele dedicou toda sua vida de missionário ao ofício de etnólogo das populações do Sul de Angola, ganhando reconhecimento pelos segmentos políticos e letrados locais (OLIVEIRA, 2017). Carlos Estermann era evidentemente um intelectual entre os espiritanos da Angola colonial, que requer, ainda hoje, uma maior atenção por parte da produção historiográfica.

Figura 1 – Mapa da Província da Huíla, Sul de Angola



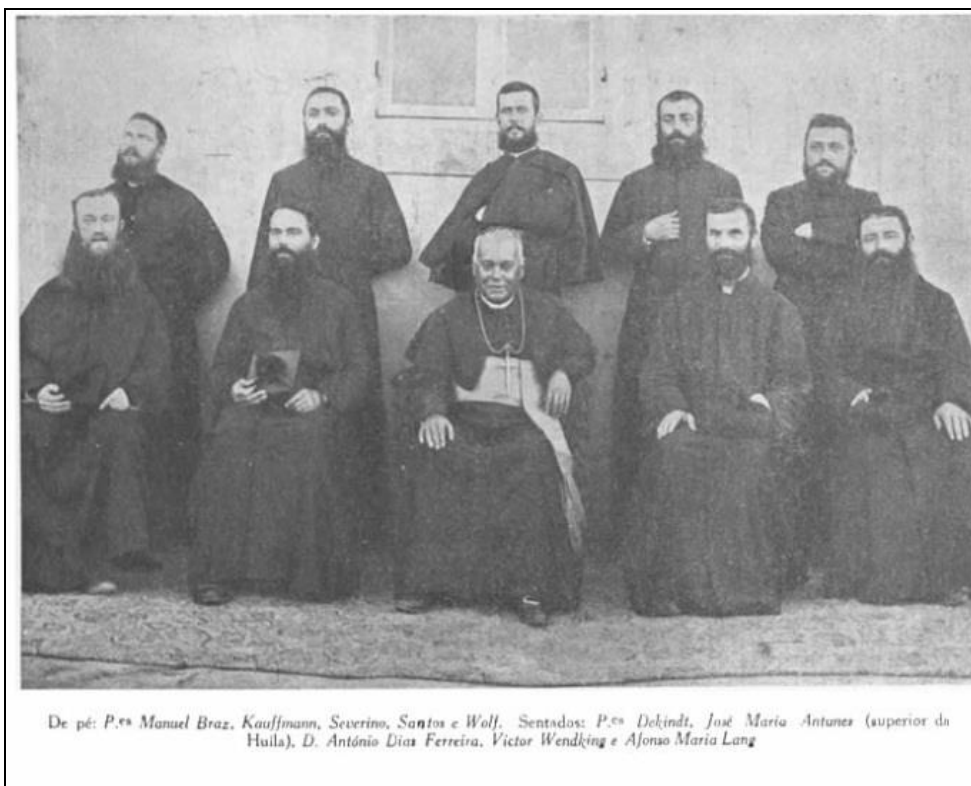
Mapa elaborado por Estermann identificando a espacialidade de suas investigações etnográfica, mas também dos missionários espeiritanos que lhes antecederam. Fonte: ESTERMANN (1935, p. 51).

Nascido no Alto Reno, região da [Alsácia](#)-Lorena, na França em 1896, Carlos Estermann, foi para Angola em 1924 para atuar nas Missões do Espírito Santo, instaladas nesta região do Ultramar português, onde ficou até seu falecimento em 1976. Notabilizou-se como grande etnólogo das populações desta região, predominantemente formada por bantus, se dedicando na investigação dos deferentes aspectos da vida destes povos que constituíam sociedades agropastoris do vasto sul angolano. Nhaneca-Humbe, Herero e Ambós (além do pequeno grupo não banto), eram os termos etnolinguístico que reuniam um enorme número de grupos étnicos observados pelo padre espiritano. A produção etnográfica de Estermann não estava isolada de sua proposta de evangelização, por esta razão foi um grande inspirador da produção científica dos padres que atuavam nestas missões, defendendo a importância das ações de natureza investigativa no âmbito da missionaço protagonizada pelos padres espiritanos.

Estermann estrutura seus ensaios etnográficos a partir da experiência de alguns padres ligados à Missão do Espírito Santo. Informa as diferentes áreas científicas as quais contribuíram através das investigações destes padres, para a exploração e conhecimento das comunidades étnicas a serem evangelizadas em Angola. A geografia descritiva, para Estermann, seria a ciência que mais interessaria para o conhecimento das regiões exploradas, neste caso, sul de Angola. Ele destaca também a botânica, a lingüística e a etnologia, disciplina científica que acompanhou sua trajetória de homem religioso que procurou de forma dedicada investigar os grupos étnicos e seus costumes na vasta região do sul de Angola.

Ao apresentar a relação de padres espiritanos, Estermann inicia suas observações chamando atenção para a importância do padre Carlos Duparquet, não apenas como sacerdote responsável pela fundação da Missão do Espírito Santo em Angola, ainda no século XIX.⁵ Estermann, destaca sua valiosa contribuição científica através dos estudos botânicos, pois acreditava que “Duparquet era um explorador completo porque era também um escritor de talento” (ESTERMANN, 1941, p. 7).

F2 - Padres da Missão Espírito Santos, sul de Angola



Nesta relação, encontram-se alguns dos padres que Carlos Estermann tinha grande apreço, por conta de suas produções científicas. Fonte: ESTERMANN (1941, p. 11)

⁵ O padre Duparquet, segundo Estermann (1941), chegou no distrito de Mossâmedes em 1866, passando a atuar em grande parte do Planalto Central, visitando Humpata e Huila. Em 1879 começou a atuar nas margens do Cunene, estabelecendo contato com os portugueses do Humbi. Suas viagens foram registradas em interessantes relatos, os quais fazem importantes indicações sobre as regiões e os grupos étnicos que nelas habitavam (p. 4).

Ainda sobre as “ciências das plantas”, o padre Duparquet não estava sozinho na competente exploração científica desta área de conhecimento. Fazia parceria com ele, o padre José Maria Antunes, o qual já havia sido pároco da freguesia da Huíla e primeiro superior da Missão do Espírito Santo nesta região. Entretanto, será o padre Eugênio Dekindt, segundo Estermann, o maior botânico da exploração científica da Huíla, mas também um “sábio etnógrafo”. De nacionalidade belga, mas educado na França, o padre Dekindt, reuniu em sua exploração científica entre os últimos anos do século XIX e início do século XX, importante coleção botânica, a qual se encontra depositada, segundo Estermann, nos Museus Botânicos de Berlim, Montephelier e Coimbra.

Dekindt se notabilizou ainda em outro campo científico, a lingüística, o que lhe rendeu na avaliação de Estermann, o título de “gênio etnógrafo” (ESTERMANN, 1941, p. 7). Este padre foi responsável por estudos sobre a lingüística dos idiomas bantos do sul de Angola, ou seja, os falares “indígenas”: “neste campo também entre os missionários da Huíla ele não teve igual” (ESTERMANN, 1941, p. 11 e 12).

Segundo Estermann, por mais que estes estudos (etnolinguístico) não interessassem ao grande público, eram de grande valor para especialistas e para os missionários, seus companheiros de evangelização. O padre Carlos Estermann, não se intimidou em afirmar:

Foi sempre e em toda parte prática constante no apostolado católico transmitir as verdades sublimes da religião aos povos inferiores, na língua em que eles pensam e sentem, em que cantam e contam as suas lendas e fábulas. Quem desejar atingir e fazer vibrar as faculdades espirituais de um ente humano não pode recorrer a outro meio (ESTERMANN, 1941, p. 12).

Estermann defende o conhecimento da língua como instrumento de acesso ao universo cultural dos grupos étnicos que se quer evangelizar. Mesmo utilizando categorias que caracterizam o discurso etnocêntrico do colonizador sobre as populações colonizadas, a exemplo de “povos inferiores”, para se referir aos grupos em questão, Estermann entende que o missionário não poderia ignorar este conhecimento quase que condicionante à realização do trabalho evangelizador, por esta razão ele atribuía tamanha importância às obras dos padres lingüistas e dicionaristas religiosos. Ele adverte, e faz isto na condição de Superior da Missão Espiritana da Huíla, que constitui obrigação “inelutável” a apropriação, por parte dos missionários, da aproximação íntima dos falares dos seus evangelizados. Neste sentido, ele chama atenção para os exemplos dos padres Eugênio Dekindt e Benedito Bonnefoux, os quais provariam com boas evidências em suas obras que o conhecimento sobre as línguas nativas, chamadas “indígenas” não seria incompatível com a expansão da língua do país colonizador. Em síntese, o estudo e a valorização dos falares “indígenas” não limitariam a aprendizagem por parte dos africanos da língua de seu colonizador, a saber, a língua portuguesa. Neste sentido,

Estermann destaca a importância dos títulos produzidos por estes padres para a questão das línguas, seriam o Dicionário Nyaneka-Português, do Padre Benedito Bonnefoux e a Gramática da Língua Nyaneka, do Padre Afonso Maria Langue.

O ensino da língua colonial não era uma prerrogativa apenas das missões. A administração colonial determinava, através de legislação específica que a instrução escolar fosse ministrada exclusivamente em português e a educação religiosa fosse realizada em língua local (KOREN *apud* DULLEY, 2010, p. 33). A evangelização na língua do colonizador ampliava a possibilidade de catequização para os “indígenas”, “engendrando todo um esforço de tradução do corpus doutrinário católico pelos missionários, em ação conjunta com falantes das línguas locais” (DULLEY, 2010, p. 34). Estas questões são muito bem enfatizadas no Estatuto Missionário de 1926 e reforçadas no Ato Colonial de 1930, quando o mesmo afirma que as missões religiosas do Ultramar são instrumento de “civilização” e de influência nacional respaldados juridicamente pelo Estado. Afirma ainda que os estabelecimentos de formação do pessoal serão protegidos e auxiliados pela administração colonial como instituições de ensino (GABRIEL, 1978, p. 347).

Finalmente, a etnografia é apresentada pelo padre espiritano como outro saber científico de relevante contribuição para o projeto evangelizador, através da qual Estermann se notabilizou entre seus pares. À semelhança da lingüística, afirma Estermann, “a etnografia é uma ciência subsidiária do apostolado, que nenhum missionário digno deste nome pode ignorar” (ESTERMANN, 1941, p. 13). De fato, Estermann acreditava na relevância dos estudos sobre costumes e formas culturais dos grupos a serem evangelizados que dedicou sua vida de missionário em Angola na investigação sobre os povos habitantes do sul desta, então, província colonial do ultramar português. Iniciado estes estudos na segunda metade da década de 1920, não demorou muito o padre etnólogo da Huila já havia reunido um material etnográfico significativo para amostra e cumprimento de seus propósitos evangelizadores e “civilizador”, como queria a compreensão colonialista.

Em “Notas etnográficas sobre os indígenas do Distrito da Huila”, publicação veiculada pelo Boletim Geral das Colônias, Estermann, apresentou uma interessante síntese de sua obra etnográfica que seria publicada no conjunto de três volumes entre 1957 e 1961. Este ensaio parecia atender o método etnográfico, inclusive na estrutura textual, que seria acompanhado pelos trabalhos publicados posteriormente. Estermann se dedicou em estudar os povos bantos (e um pequeno grupo de não bantos: hotentotes e buchman) habitantes do sul de Angola, situados mais precisamente ao Sudoeste da província, grupos estes definidos pelas classificações etnolinguística de Ambós, Nyaneka-Humbes e Hereros, considerado predominantemente povos da pastorícia.

Como se tratava de sociedades que praticavam a pastorícia, como ainda hoje o pratica, não escapou às descrições do padre Estermann, a dimensão cultural da vida pastoril destas populações: música, arte, religião, etc. Para estas sociedades o gado bovino era um elemento essencial da vida social, relacionado com os elementos de natureza econômica, política, religiosa e de costume.

Os registros produzidos pelo padre não deixaram escapar estes elementos de caracterização desses grupos que habitavam o sul de Angola, mais precisamente a região sudoeste. Algumas dessas práticas que enfatizavam o valor ritual do gado bovino atraíram sua atenção resultando em importantes registros nos seus relevantes ensaios etnográficos, publicados em diferentes momentos de sua atuação missionária. Desta forma, pode-se afirmar que o padre Carlos Estermann foi um missionário espiritano que se dedicou à etnografia de povos e culturas pastorícias do Sul de Angola.

Para sintetizar o material etnográfico sobre estas populações, já reunido em 1935, Estermann, estruturou o texto com os seguintes itens: I – Emancipação e situação geográfica; II – Características somáticas; III – Cultura material; IV – Vida familiar; V – Vida religiosa; VI – Organização tribal e VII – Língua. A partir deste esquema, o etnógrafo espiritano apresenta informações sobre as configurações étnico-linguísticas e localização dos diferentes grupos, a produção de bens de consumo e entretenimento, as práticas de religiosidade, as formas de organização política e hierarquias sociais destas comunidades e, por fim, a estrutura e formação lingüística. Quanto a este último item, Estermann reforça a importância destes estudos que se dedicaram à publicação de dicionários e gramáticas sobre as línguas destes grupos habitantes da Huila, a saber, nas línguas nyaneka e kwanyama: “Os autores destes livros são os missionários católicos que desde há 50 anos vêm dedicando-se à evangelização e civilização destes povos” (ESTERMANN, 1935, p. 68).

F 3 - Mulheres Dimbas, Namíbia



Raparigas dimbas (A de rosto vendado passou, há pouco, pela iniciação)

(ESTERMANN, 1935, p. 63)

Estermann, assim como outros missionários colonialistas, acreditavam que a evangelização levaria para os povos do sul de Angola, a “civilização”, ou seja, o padrão cultural europeu de se relacionar com o mundo. E o estudo das formas culturais “indígenas” possibilitaria aos evangelizadores acesso ao universo de representação de realidade destas populações. Para isto, a compreensão da língua seria instrumento indispensável. Desta forma, Estermann adverte:

Embora haja nos centros mais importantes e nas aldeias das Missões bastante indígenas que entendem e falam mais ou menos corretamente o português, a quem queira entrar em contato íntimo com estes povos, conhecer os seus costumes, surpreender a sua mentalidade, fazer obra civilizadora actuando sobre as faculdades psíquicas, ainda será para muitos anos indispensável a prática duma língua indígena (ESTERMANN, 1935, p. 69).

A obra científica dos missionários e em especial do padre Carlos Estermann, não se restringiu aos leitores preocupados e comprometidos apenas com a tecnologia intelectual de evangelização. Os cientistas sociais que se dedicaram em estudar a região em questão, a saber, o Sul e Sudoeste de Angola, utilizaram a obra deste padre spiritano como fonte de consulta indispensável a cerca dos povos étnicos da região. José Redinha, por exemplo, em seu trabalho sobre a distribuição étnica de Angola, não deixou de registrar a contribuição deste padre spiritano: “Na parte referida ao Sudoeste da Província, adoptamos, integralmente, a distribuição étnico-geográfica do Ver. Pe. Carlos Estermann” (REDINHA, 1970, p. 3). Referências como esta ocorrem entre outros autores a exemplo de Henrique Abranches e Rui Duarte de Carvalho, importantes representantes da literatura com ênfase em uma abordagem etnográfica sobre o Sul de Angola.

Considerações Finais

Uma história das missões religiosas na África Contemporânea, por certo não poderia se furtar de registrar a experiência das Missões da Congregação do Espírito Santo, quando referida as regiões centro-africanas. Neste caso, impossível deixar de registrar o peculiar protagonismo do padre Carlos Estermann, no Sul de Angola. A análise conjunta de seus trabalhos me permitiu entender as preocupações de Estermann com as características históricas e culturais dos povos (bantos e não-bantos) que habitavam o Sul de Angola, especialmente a região da província da Huíla, onde ele atuava, no período, inclusive como Superior da Missão do Espírito Santo. Na abordagem aqui tentada, procurei entender o quanto Estermann valorizava as pesquisas científicas desenvolvidas pelos padres espiritanos e os significados destas para o empreendimento evangelizador e colonialista, com destaque para as investigações sobre as culturas negras locais. Paralelo a essas aquisições, este trabalho teve ainda o objetivo de identificar a publicação da Agência Geral das Colônias ou Ultramar como importante acervo de fonte para a história das missões católicas em África, tema este que vem provocando uma senda importante de jovens pesquisadores atuantes dos quadros das universidades e centros de pesquisa do Brasil e outros países, inclusive, da vasta região que já foi denominada como Império do Ultramar.

Ao finalizar estas linhas, alimento um espírito de certeza que muito ainda há para ser descortinado na história das missões católicas em Angola, com ênfase inclusive na trajetória intelectual e política de membros de Congregações como a do Espírito Santo e as relações que estes estabeleceram com o estado colonial em Angola, mas também e principalmente com os povos étnicos e as elites políticas e intelectuais locais. Suspeito ainda que estas sejam experiências com as quais a pesquisa histórica ainda guarda grande dívida.

REFERÊNCIAS

Boletim Geral das Colônias, Porto, Vol. 1, nº 2, p. 230, agosto de 1925.

DEMARTINI, Z. de B. F.; CUNHA, D. de O. Missões religiosas e educação nas colônias de povoamento da África Portuguesa: algumas anotações. In: **International Studies on Law and Education**, Universidade do Porto, n. 20, p. 57-64, mai-ago 2015.

DULLEY, I. **Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial**. São Paulo: Annablume, 2010.

ESTERMANN, C. Contribuição dos missionários do Espírito Santo para a exploração científica do sul de Angola. In: **BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS**, Porto, Ano XVII, n.º 196, p. 3-15, outubro de 1941.

ESTERMANN, C. Notas etnográficas sobre os povos indígenas do distrito da Huíla. In: **Boletim Geral das Colônias**, Porto, Ano XI, n.º 116, p. 41-71, Fevereiro de 1935.

GABRIEL, M. N. **Angola, cinco séculos de cristianismo**. Queluz/Portugal: Literal, 1978.

GARCIA, J. L. L. **Ideologia e propaganda colonial no Estado Novo: da Agência Geral das Colônias à Agência Geral do Ultramar (1924 – 1974)**. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em História – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Lisboa: Pedago/Luanda: Mulemba, 2013.

OLIVEIRA, J. P. **Um missionário africanista no Sul de Angola: a experiência intelectual e política do padre Carlos Estermann (1955-1975)**. Plano de Trabalho de Dedicção Exclusiva/Projeto de Pesquisa. Itaberaba/BA: UNEB/Campus XIII, 2017.

REDINHA, J. **Distribuição étnica de Angola: introdução, registro étnico, mapa**. Luanda: Edição do C. I. T. A., 1970.

SERRANO, C. Angola: o discurso do colonialismo e a Antropologia aplicada. In: **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, USP, São Paulo, Vol. 14-15, n.º 1, p. 15-36, 1991-1992.

SILVA, E. M. **Impactos da ocupação colonial nas sociedades rurais do Sul de Angola**. Lisboa: Centro de Estudos Africanos, 2013.

Josivaldo Pires de Oliveira

Professor do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB/Campus V. Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Membro do Grupo de Pesquisa: Religiões e trajetórias das experiências missionárias em África: arquivos, acervos e pesquisas (UNIFESP/CNPq).
